

**As diferenças culturais nas aulas de ensino da língua portuguesa na
China – Uma proposta para o professor de nacionalidade portuguesa**

Jionghao Zhao

**Dissertação de Mestrado em Ensino do Português
Língua Segunda e Estrangeira**

Julho, 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais.

À Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva pela competência com que orientou esta dissertação e o tempo que generosamente me dedicou, transmitindo-me os melhores e mais úteis ensinamentos, com paciência, lucidez e confiança. Pelo acesso que me facilitou a uma pesquisa mais alargada e enriquecedora e pela sua crítica sempre tão atempada, como construtiva, bem-haja estou-lhe muito, muito grato.

Aos meus amigos, chineses e portugueses, por me terem apoiado sempre e por me proporcionarem momentos de ideias, dúvidas, incertezas, força ou paz.

À Biblioteca Municipal Palácio das Galveias por me ter acolhido.

RESUMO

As diferenças culturais nas aulas de ensino da língua portuguesa na China – Uma proposta para o professor de nacionalidade portuguesa

Todos os países, ricos ou pobres, reconhecem o valor cultural, psicológico, prático e profissional de aprender uma segunda língua ou uma língua estrangeira. Este valor é cada vez mais conscientemente brandido e reconhecível pela inclusão da disciplina língua estrangeira no currículo escolar. O ensino de línguas estrangeiras na China, particularmente aquelas chamadas “línguas minoritárias”, por exemplo a língua portuguesa, está a desenvolver-se vigorosamente devido ao crescente intercâmbio comercial, diplomático e cultural. Hoje em dia, os cursos de língua portuguesa são muito populares para alunos chineses, pois uma experiência de frequentar um curso de português pode, normalmente e com relativa facilidade, ajudar a arranjar um emprego com um bom salário e bastantes oportunidades de desenvolvimento profissional na China ou no estrangeiro.

Palavras-chave: *Ensino do português na China; Construtivismo; Comunicação intercultural; Cultura*

ABSTRACT

Cultural differences in the classroom teaching of the Portuguese language in China - A proposal for teacher of Portuguese nationality

All countries, rich and poor, recognize the cultural, psychological, practical and professional value of learning a second language or a foreign language. This value is increasingly consciously wielded, recognizable by the inclusion of the subject in the foreign language curriculum. The teaching of foreign languages in China, particularly those called "minority languages", Portuguese, is developing vigorously due to growing commercial, diplomatic and cultural exchange. Nowadays, the Portuguese language courses are very popular for Chinese students, for an experience of a course of Portuguese can, and usually with relative ease, help you get a job with a good salary and plenty of opportunities for professional development in China or abroad.

Keywords: Learn Portuguese in China; Constructivism; Intercultural communication; Culture

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
PARTE I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	2
Capítulo I: O ensino e a aprendizagem	2
Introdução	Erro! Marcador não definido.
I .1 Construtivismo.....	Erro! Marcador não definido.
I .2 Autores principais.....	Erro! Marcador não definido.
1.2.1 Jean Piaget	Erro! Marcador não definido.
1.2.2 Lev Vygotsky	Erro! Marcador não definido.
1.2.3 Jerome S. Bruner	Erro! Marcador não definido.
1.2.4 Teoria da aprendizagem de Bruner	Erro! Marcador não definido.
I .3 Teorias Construtivistas	Erro! Marcador não definido.
I .4 Definição de conhecimento e aprendizagem	Erro! Marcador não definido.
I .5 Papel do aluno e do professor	Erro! Marcador não definido.
I .6 Meio de aprendizagem.....	Erro! Marcador não definido.
I .7 Dificuldades dos alunos.....	Erro! Marcador não definido.
I.8 Síntese.....	Erro! Marcador não definido.
Capítulo II: A cultura	2
II .1 O conceito de cultura.....	2
II .2 Cultura de escola	2
II .3 Comunicação intercultural	5
Capítulo III: As diferenças culturais entre a China e o Ocidente e o ensino de línguas estrangeiras nas salas de aula.....	6
Introdução	6
III .1 As diferenças no ensino das línguas estrangeiras nas salas de aula entre a China e o Ocidente	7
III .1.1 A organização dos diferentes ambientes de ensino.....	7
III .1.2 A escolha dos conteúdos de ensino.....	8
III .1.3 A escolha dos métodos de ensino	9
III .1.4 As diferentes relações entre professores e alunos	9
III.2 As causas das diferenças no ensino nas salas de aula entre a China e o Ocidente.....	10
III.2.1 O Ensino	10
III.2.2 O Ambiente Social.....	11
III.2.3 A cultura	12
III.2.4 Síntese.....	12
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO.....	14
1. Metodologia	14
2. Participantes	15
3. Instrumento	15
4. Análise dos dados	16
5. O papel dos professores portugueses	18
6. Materiais de ensino	20

7. A cultura.....	24
8. A avaliação dos alunos.....	26
9. A utilização de livros didáticos nas aulas	27
CONCLUSÃO	28
BIBLIOGRAFIA	32
ANEXO A: QUESTIONÁRIO	35

Introdução

Nos anos recentes, o ensino do português como língua segunda e estrangeira tem assumido renovados contextos, enraizados nas profundas mudanças do novo milénio: o crescimento galopante das interações comerciais e económicas entre a China e os países de língua portuguesa, particularmente o Brasil, Angola e Moçambique, tem fomentado a formação de alunos chineses na Língua Portuguesa – um mercado de ensino que, até recentemente, era residual e pouco preponderante, alimentado sobretudo pelo caso muito específico de Macau. Assim, as tendências globais do ensino do português como língua segunda e estrangeira, que antes focavam sobretudo alunos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), enfrentam agora um público bem diverso, pelo que há necessidade de repensar abordagens de ensino, tanto a nível científico como pedagógico.

No continente chinês, o ensino de português como língua estrangeira existe principalmente no ensino superior.

A nossa dissertação de mestrado pretende abordar um tema pouco explorado no ensino de PLE revelando-nos, ao mesmo tempo, a necessidade de dar a conhecer esta realidade existente no estrangeiro e a sua coexistência com a rede de ensino actualmente. Referimo-nos aos professores de nacionalidade portuguesa e ao papel que desempenham na formação de estudantes de português em universidades, institutos de línguas e similares nos seus países de origem.

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar quais as diferenças culturais na língua chinesa e na língua portuguesa, verificando quais os principais fatores que causam as dificuldades dos professores de nacionalidade portuguesa nas aulas de português na China, para apoiar as atividades de ensino dos professores de nacionalidade portuguesa a alunos chineses.

PARTE I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Capítulo I: O ensino e a aprendizagem

Capítulo II: A cultura

II .1 O conceito de cultura

O conceito de cultura é um dos mais usados nas ciências sociais e nas ciências humanas. Cultura é um termo bastante amplo e de difícil definição. Desde o século XIX, os antropólogos definiram o conceito de cultura; o resultado é que os conceitos de cultura são múltiplos e, às vezes, contraditórios. O conceito de cultura não é unívoco, antes pelo contrário, tem uma grande diversidade de acepções e “usa-se para descrever o que não é nem universal nem idiossincrático” (Sousa, 2004, p.34).

Para Moran (1994), cultura é a ferramenta que cada sociedade usa para tomar as suas decisões diárias e entender o mundo com que se confronta. O conceito de cultura contém em si vários aspectos da complexidade comportamental e intelectual individual humana, patrimonial de um povo e organizacional do mundo. Para Schein (1985), cultura é a forma como um grupo de pessoas resolve os seus problemas, e a diversidade cultural reside nas diferentes soluções encontradas por cada cultura para resolver estes problemas. Finalmente, para Geertz, cultura é o meio pelo qual as pessoas comunicam, perpetuam e desenvolvem os seus conhecimentos sobre as atitudes em relação à vida.

II .2 Cultura de escola

Neste capítulo abordamos o estudo sobre a cultura de escola, “Assumindo que

a cultura se encontra no coração da problemática intercultural.” (Abdallah-Pretceille, 1996). Falaremos da escola enquanto espaço de cultura e lugar de encontro da diversidade cultural, que penetrou nas escolas como um autêntico fenómeno inesperado, o que obriga os professores a repensar as suas práticas pedagógicas e as suas atitudes em contexto de sala de aula.

As escolas, organizações de um tipo muito particular, integram na sua estrutura social pessoas que através das suas interações vão construindo a organização (Alves-Pinto, 1995). Na escola, o conceito de cultura é importante para a compreensão da sua vida e funcionamento. A escola não está situada no vazio, ela recebe da sociedade influências e exigências e cumpre nela o seu papel.

“Não é possível pensar a educação sem, simultaneamente, pensar a cultura e as relações existentes entre ambas. A educação enquanto processo dialógico, formativo e transmissivo, supõe necessariamente um contacto, uma transmissão e uma aquisição de conhecimentos e um desenvolvimento de competências, hábitos e valores que constituem aquilo a que se designa por conteúdo da educação” (Leite, 2002, p.126).

A escola surge, assim, como um cruzamento de culturas cuja responsabilidade, que a distingue das outras instituições e instâncias de socialização específica e lhe confere a sua própria identidade e a sua relativa autonomia, é a mediação reflexiva das influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações, para facilitar o seu desenvolvimento educativo.

Como afirma Ainscow (1995, p. 21), “a cultura de escola tem influência sob a forma como os professores vêem o seu trabalho e os seus alunos. A cultura manifesta-se através das normas que indicam às pessoas o que devem fazer e como devem fazer.”

Ainscow (idem) propõe, ainda, três medidas para o funcionamento da escola:

a) Organização dos horários e das actividades que propiciem e incentivem a formação contínua dos professores, ou seja, um tempo de debate, reflexão e colaboração em grupo.

- b) Uma maior abertura da escola aos pais estreitando-se laços de amizade que possibilitem uma melhor comunicação e consequente participação.
- c) Abertura da escola à comunidade para que se desenvolvam projectos de interesse comum que fomentem o interesse e a participação dos alunos na comunidade e da comunidade na escola.

Cada escola tem a sua cultura estabelecida que está intimamente ligada com as actividades de relações entre as estruturas formais e informais da organização. Mencionamos a cultura de escola no processo das inovações pedagógicas. É um conceito que tem implicações práticas que enfatiza a actual situação e as dificuldades enfrentadas diariamente na escola. Numa perspectiva construtivista, a “cultura de escola” é a cultura produzida pela forma escolar de educação, principalmente através da modelização das suas formas e construção, seja o plano de estudos, o modo de desenho pedagógico, as intervenções de atividades nas aulas, etc. Neste sentido, a cultura de escola é um conceito que inclui o trabalho em conjunto na aplicação de estratégias comuns, concepções pedagógicas, definição do papel das pessoas na escola, relações interpessoais, factores de motivação, etc.

Para Delors (1996), a educação deve organizar-se à volta de quatro pilares do conhecimento:

- a) Aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão, da descoberta e do conhecimento do mundo.
- b) Aprender a fazer, para poder agir e interagir sobre o meio envolvente.
- c) Aprender a viver juntos, para participar e cooperar em projectos comuns a membros de diferentes grupos, onde todos lutam por objectivos e interesses comuns.
- d) Aprender a ser, é a âncora de todos os outros pilares e é indispensável à sua concretização.

II.3 Comunicação intercultural

“A interação de padrões culturais variados, crenças e valores que cada interlocutor traz ao processo de comunicação intercultural ser reconhecido em todo ato comunicativo: quanto maior a variação destes padrões, mais forte torna-se a força divisiva de variantes e maiores são as chances de falhas na comunicação” (Damen, 1987, p.24).

A comunicação intercultural refere-se à comunicação ou às interações entre pessoas de “backgrounds” culturais diferentes. Posteriormente, era uma área de investigação da antropologia cultural e da etnologia, mas hoje em dia, a comunicação intercultural está a receber cada vez mais atenção vinda da área do ensino de línguas estrangeiras, e cada vez mais investigadores começam a reflectir sobre o ensino de línguas estrangeiras com a perspectiva da educação intercultural. O estudo da comunicação intercultural tem como objectivo os seguintes:

- Primeiro, fomentar uma atitude positiva de entendimento face às diferentes culturas. Como se sabe, as diferenças culturais existem, mas é através do entendimento das diferenças culturais que aprofundamos o entendimento da nossa própria cultura e, deste modo, entender de forma objectiva as características de cada uma das culturas. Durante este processo, é necessário não ignorar as características culturais comuns, que são consideráveis.

- Segundo, cultivar a capacidade adaptativa durante o contacto intercultural. Geralmente, na primeira vez em que um indivíduo entra em contacto com culturas diferentes, este indivíduo é sujeito ao choque cultural *culture shock*, que é acompanhado duma certa dificuldade de adaptação. Para que a socialização continue, é necessário amortecer o choque e fortalecer a capacidade adaptativa.

- Terceiro, promover as técnicas da comunicação intercultural. Os estudantes necessitam de aprender e de dominar as técnicas práticas quando se socializam com pessoas provenientes das diferentes culturas.

Em síntese, o estudo da comunicação intercultural resume-se a três áreas. Primeiro, o estudo dos valores e da visão do mundo. Segundo, o estudo das características culturais no comportamento verbal. Terceiro, o estudo da comunicação não-verbal. A visão do mundo é a perspectiva humana do mundo, que inclui vários conceitos filosóficos como o lugar do homem no universo, a relação entre o homem e a natureza, etc. Os valores humanos, por seu lado, constituem a base da sociedade e da cultura. Para um homem pertencente a uma cultura em particular, as suas acções (as que são aceitáveis e as que não são) são definidas pelos valores que este possui. O valor é um conceito abstracto, logo é difícil de dominar, mas através dos padrões de comportamentos verbais e não-verbais, muitas vezes pode-se sintetizar alguns valores culturais inerentes nos comportamentos.

Capítulo III: As diferenças culturais entre a China e o Ocidente e o ensino de línguas estrangeiras nas salas de aula

Introdução

A presente dissertação, analisando numa aproximação de comunicação intercultural, comparou as diferentes metodologias e atitudes de ensino resultantes das diferenças culturais entre a China e o Ocidente; e analisou as causas das diferenças no ensino nas salas de aula entre a China e o Ocidente, e a posição a tomar perante os conflitos culturais. Por fim, a presente dissertação refere-se às próprias recomendações em relação à forma de ensino da língua portuguesa pelos professores portugueses na China.

Os chineses são reservados, os alemães são obstinados, os franceses são românticos, isso é o preconceito que as pessoas têm sobre esses povos, é o resultado da incompreensão dos padrões de comportamento desses povos. Ao comunicarmos com uma pessoa pertencente ao mesmo grupo étnico não sentimos as diferenças na

comunicação. Mas, se comunicarmos com uma pessoa que pertence a um grupo étnico diferente ou com *backgrounds* culturais diferentes, as diferenças são facilmente detectáveis, e quando as diferenças são grandes, a comunicação intercultural torna-se difícil. Por isso, na comunicação inter-culturas, temos que aprofundar ao máximo o conhecimento da cultura da outra parte, a fim de minimizar desta forma os possíveis mal entendidos.

Por razões históricas e por diferenças sociais, o Oriente e o Ocidente desenvolveram diferentes culturas, e estas diferenças culturais reflectem-se directamente nas salas de aula. Compreender e estudar as diferenças entre a China e o Ocidente no ensino nas salas de aula, e as causas das diferenças, será uma ajuda importante para os professores portugueses no ensino da língua portuguesa na China.

III .1 As diferenças no ensino das línguas estrangeiras nas salas de aula entre a China e o Ocidente

As diferenças no ensino das línguas estrangeiras nas salas de aula entre a China e o Ocidente reflectem-se principalmente nas diferentes atitudes dos factores objectivos e subjectivos que a cultura chinesa e a cultura ocidental possuem sobre o ensino das línguas estrangeiras. Os factores objectivos incluem os ambientes de ensino e os conteúdos de ensino, e os factores subjectivos incluem principalmente os métodos de ensino e as relações entre os professores e os alunos.

III .1.1 A organização dos diferentes ambientes de ensino

No estudo, os chineses dão ênfase à vontade da pessoa, e os ocidentais dão ênfase à abertura do mundo material exterior, à conquista e ao controlo da natureza. Por isso, os ocidentais dão mais importância ao ambiente de estudo. Neste caso, a organização do ambiente de ensino reflecte as diferenças das duas culturas.

A China carece, de uma forma geral, de um ambiente linguístico livre e relaxado, as disposições da maioria das salas de aula destinadas ao ensino de línguas

estrangeiras não são diferentes das salas de aula destinadas ao ensino de outros cursos, a disposição das mesas não beneficia a criação de um ambiente linguístico favorável. Apenas um número limitado de salas de aula possuem equipamentos audiovisuais especializados, a maioria das salas (incluindo as salas multimédia) carecem de equipamentos visuais de cultura e língua, ou possuem equipamentos que produzem resultados insatisfatórios para as aulas práticas de compreensão oral. Por outro lado, nas universidades ocidentais, para além das salas especialmente dedicadas ao ensino de línguas, as salas de aula habituais também possuem equipamentos audiovisuais e materiais sobre as culturas dos diversos países. Além disso, devido à limitação na dimensão e nas condições das universidades chinesas, as aulas de línguas estrangeiras geralmente são dadas em turmas grandes, enquanto nas universidades ocidentais as aulas de línguas geralmente são dadas em turmas pequenas, o que favorece a comunicação e a interacção entre alunos e professores.

III .1.2 A escolha dos conteúdos de ensino

Nos últimos 30 anos, no Ocidente, a comunicação e a capacidade de socialização predominam no ensino das línguas, e a aplicabilidade e flexibilidade das línguas são valorizadas. Por isso, a escolha dos materiais de ensino reflecte a valorização da aplicabilidade e actualidade destes. Para além dos materiais designados, textos dos livros e dos jornais também são escolhidos como materiais de ensino para garantir a aplicabilidade e a actualidade da informação.

Por outro lado, os professores chineses dão ênfase ao conhecimento, à natureza sistemática e à autoridade dos materiais. Mas os materiais de ensino chineses escolhidos pelos professores são geralmente simples e fixos, e nos exercícios orais, de fonética e de frases específicas, observa-se uma discordância com a vida real. Além disso, o ênfase no conhecimento da língua sobrepõe-se à aplicabilidade da língua e à capacidade de socialização daqueles que aprendem e, em certo sentido, não satisfaz à necessidade real dos estudantes. Nos últimos anos, com o desenvolvimento na área de estudo sociolinguístico e da linguística cultural, o ensino de línguas estrangeiras na

China mudou significativamente, pelo que a atitude do ênfase na forma e a ignorância do ambiente linguístico e a aplicabilidade das línguas também sofreu algumas mudanças.

III .1.3 A escolha dos métodos de ensino

No Ocidente, o método de ensino preferido dos professores é a aproximação comunicativa. Os professores vêem-se como promotores de ensino e não líderes ou autoridades de ensino. A forma linguística de ensino foi praticamente abandonada.

Na China, os professores vêem-se como o único agente de ensino. O ensino na China centraliza-se nos professores, os exercícios são feitos com a instrução dos professores. Os métodos de aproximação comunicativa são exercidos só com o fim de levantar o ânimo dos estudantes.

No ensino ocidental, as aulas centralizam-se em práticas, e aos estudantes são dadas liberdades para resolver problemas que se podem encontrar na vida real; consequentemente, os estudantes não dependem só dos professores no ensino. De modo geral, os professores ocidentais não interferem face aos erros cometidos pelos estudantes, porque para estes professores demasiadas correcções aos erros prejudicam o entusiasmo e a motivação dos estudantes. Por outro lado, na China, os professores são rigorosos em corrigir os erros cometidos pelos estudantes, o que causa receios por parte dos estudantes e consequentemente evitam a comunicação, o que resulta em grande dependência dos professores.

III .1.4 As diferentes relações entre professores e alunos

A centralização do papel dos professores no ensino estabelece a posição dominante dos professores, e os estudantes ocupam uma posição passiva e de obediência. Numa situação destas, os estudantes raramente fazem perguntas e raramente participam na discussão; limitam-se a desempenhar o papel de ouvinte. Por outro lado, no ensino onde se centraliza o papel dos estudantes, a relação entre

professores e estudantes possui uma natureza casual e relaxante; os estudantes participam activamente nas discussões, levantam questões e desenvolvem opiniões próprias. No Ocidente, os professores geralmente enfatizam e promovem um ambiente de discussão nas salas de aula.

III.2 As causas das diferenças no ensino nas salas de aula entre a China e o Ocidente

A cultura influencia todos os aspectos da vida humana, e a vida humana muda com as mudanças culturais, por outras palavras, a cultura decide a nossa forma de vida, incluindo a nossa forma de pensar, agir, resolver problemas e a nossa forma de expressar linguística e emocionalmente, etc. (Hall, 1969).

As causas aparentes das diferenças nas salas de aula entre a China e o Ocidente são devidas a diferenças entre os ambientes dos diferentes países, línguas, vidas e condições geográficas. Além disso, os diferentes desenvolvimentos na política, na economia, na história e na cultura dos diferentes povos levam à formação de diferentes valores e filosofias e, em condições especiais, levam a diferentes formas de pensar ou de agir.

A seguir, faz-se a comparação e a análise das diferenças no ensino nas salas de aula entre a China e o Ocidente em três campos distintos.

III.2.1 O Ensino

Em primeiro lugar, o respectivo papel dos professores e estudantes determinam a forma de ensino. No ensino chinês, o papel dos professores é de demonstrador, especialista e autoridade, e os estudantes estão numa posição de obediência. O método de ensino chinês é tradicional, os estudantes dependem excessivamente dos professores, e o ambiente nas salas de aula é tedioso.

Por outro lado, no Ocidente, enfatiza-se a centralização dos estudantes no ensino, e os professores têm o papel de guia, organizador, promotor e coordenador do

trabalho. Com esta filosofia de ensino, os estudantes adquirem pensamentos independentes, métodos de ensino diversos e ambientes de sala de aula animados e motivadores.

Para além disso, a China e o Ocidente possuem diferentes entendimentos em relação ao conhecimento e à aprendizagem, o que resulta em diferentes ênfases no conteúdo de ensino. Os professores chineses enfatizam a exactidão e a autoridade do conhecimento, e defendem que a aprendizagem é o processo de sumarizar as experiências passadas e de acumulação de conhecimentos. Por esta razão, para os professores chineses, a acumulação de conhecimentos é mais importante que a inovação. Mas para os professores ocidentais, os estudantes não são reservatórios de conhecimentos passados, mas sim construtores de conhecimentos.

Não podemos deixar de referir os exames na China, que são uma influência importante no ensino de línguas estrangeiras neste país, porque são baseados em gramáticas. A influência do sistema de exames no ensino de línguas estrangeiras tem sido alvo de debates intensos nos últimos anos. Apesar de ter incluído a avaliação da compreensão oral nos exames, esta ocupa apenas uma percentagem mínima, e a avaliação da expressão oral é apenas uma parte anexa dos exames; a gramática é ainda a parte fundamental nos exames das línguas estrangeira. Por fim, a diferença entre as dimensões das turmas também é um factor influente na participação dos estudantes nos debates que decorrem nas salas de aulas.

III.2.2 O Ambiente Social

Com o aumento de intercâmbios entre a China e o exterior, também aumentou a procura pelos estudantes das línguas estrangeiras, pelo que o entusiasmo pelo estudo de línguas estrangeiras cresce cada vez mais. Mas o ambiente de estudo na China ainda é insuficiente. Em comparação com os estudantes ocidentais, os estudantes chineses sofrem de falta de ambiente exterior de aprendizagem de línguas estrangeiras. A maioria dos estudantes chineses só entra em contacto com línguas estrangeiras na sala de aula, e como a língua nativa dos professores é a mesma que a dos estudantes,

estes últimos não se sentem pressionados para falar as línguas estrangeiras que estão a aprender; conseqüentemente, verifica-se uma falta de comunicação efectiva e prática com as línguas estrangeiras. Além disso, influenciados pelos métodos tradicionais de ensino, os professores chineses enfatizam os exercícios como sejam a construção de frases, traduções, etc., e ignoram a capacidade comunicativa.

III.2.3 A cultura

Em primeiro lugar, com a influência do colectivismo, os estudantes chineses demonstram uma atitude reservada na socialização, preferindo não se expressar demasiado em lugares públicos, e muito menos em entrar numa discussão. Por outro lado, no Ocidente, onde predomina o individualismo, o direito individual e a liberdade, os estudantes não hesitam em entrar em discussões durante as aulas, e conseqüentemente o ambiente das aulas são mais animados.

Os estudantes chineses, influenciados pela cultura tradicional, receiam cometer erros e «perder a face», por isso demonstram pouca vontade em expressar-se nas aulas.

Além disso, na cultura tradicional chinesa, a modéstia é uma virtude. Muitos alunos, apesar de saberem responder correctamente e de dominarem a língua estrangeira, escolhem manter o silêncio nas aulas, porque entrar numa discussão nas aulas é visto como uma exibição. Outros estudantes consideram que fazer perguntas nas aulas é como que uma interferência na acção e na autoridade dos professores.

III.2.4 Síntese

Na China, os professores chineses usam o método tradicional, o papel dos professores é de demonstrador, especialista e autoridade. A maior parte dos alunos chineses que não conseguem falar bem português normalmente não gostam de falar muito na aula. Eles não têm muita vontade de comunicar com os outros colegas em português e também não gostam de expor os problemas que têm no processo do

estudo. Como consequência, o ambiente nas salas de aula é tedioso.

Os professores precisam de interromper o silêncio dos alunos na aula. É difícil saber as ideias verdadeiras deles, também não é fácil dominar as psicologias de aprendizagem deles. Por isso, as conversações, as interações na aula têm que ser obrigatórias para criar e alcançar uma melhor compreensão mútua entre os professores de português e os alunos chineses.

Para interromper o silêncio dos alunos na aula e realizar uma interação, os professores devem saber orientar os alunos que têm dificuldade na comunicação na aula, nas actividades na aula; saber das dificuldades dos alunos em realizar a comunicação; saber mais sobre as dúvidas que os alunos têm; executar as actividades e exercícios que são adequados à capacidade de cada aluno para ajudar a construir a autoconfiança dos alunos no estudo.

Mas quais são as actividades e métodos úteis para os alunos que não têm vontade de falar? É importante saber quais os factores limitantes à comunicação porque não são todos factores subjectivos. Os alunos não querem falar na aula não porque eles não tenham nenhum tipo de vontade de falar, mas sim porque eles não sabem como participar na discussão ou nas actividades na aula.

PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO

1. Metodologia

O estudo insere-se numa metodologia de investigação de natureza qualitativa. “A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação” (Bodgan, 1994, p. 48). Contudo e devido à complexidade inerente ao objecto de estudo deste trabalho, também se utiliza a abordagem quantitativa: “a abordagem quantitativa tem necessidade de interpretações qualitativas que tornem os dados numéricos significativos” (Estrela, 1992, p.102).

Os objectivos gerais da presente dissertação de mestrado são:

1. Conhecer quais os principais factores que causam dificuldades aos professores de nacionalidade portuguesa na leccionação de português na China.
2. Contribuir para apoiar as actividades de ensino dos professores de nacionalidade portuguesa a alunos chineses.

Quanto aos objectivos específicos referiremos os seguintes:

1. Saber as opiniões dos professores sobre os alunos chineses.
2. Saber como se processa o ensino/aprendizagem na China.
3. Saber como se processa o ensino/aprendizagem do português na China.
4. Saber quais são as diferenças culturais que interferem no ensino/aprendizagem do português pelos alunos chineses.

2. Participantes

A presente dissertação aplicou questionários em seis universidades chinesas com cursos de língua portuguesa, entre as quais 5 públicas e 1 privada. Responderam aos questionários 40 professores, entre os quais 30 professores de nacionalidade chinesa (professores não nativos de língua portuguesa) e 10 professores de nacionalidade portuguesa (professores nativos de língua portuguesa). Contudo, neste estudo só são analisados os questionários respondidos pelos professores de nacionalidade portuguesa, por questões várias, o que por si constitui uma limitação ao próprio estudo.

3. Instrumento

O instrumento de recolha de dados utilizado foi um questionário. Este é constituído por 17 perguntas que incidiram nos seguintes itens:

1. Caracterização dos professores: sexo, idade, requisitos linguísticos, formações, cursos, etc..
2. Papel do professor de nacionalidade portuguesa.
3. Materiais de ensino.
4. Cultura.
5. Métodos de avaliação dos alunos.

O questionário foi elaborado a partir dos objetivos gerais e dos objetivos específicos definidos para este estudo. Como consequência, procura-se obter, nas perguntas fornecelados, respostas para as questões de investigação, de modo a articulá-las com o título do dissertação e poder contribuir para um ensino mais eficaz da língua portuguesa na China.

* Neste estudo, só são analisados questionários respondidos pelos professores da

nacilnalidade portuguesa, por limitações várias, onde se incluía autorização prévia dos mesmos.

4. Análise dos dados

Caracterização dos respondentes portugueses

a. Sexo

Entre os 10 professores portugueses, 7 são mulheres e 3 são homens.

b. Idade

Quadro 1: Idades dos professores portugueses

Idades	Número de Professores portugueses
25-30	6
31-35	3
35-40	1

De acordo com o questionário, as idades dos professores portugueses variam entre os 25 e 40 anos. De entre eles, 6 têm idades entre os 25 e os 30 anos; 3 têm idades entre os 31 e 35 anos; apenas 1 com idade entre os 35 e 40 anos. Parece poder-se concluir que, na China e concretamente em relação aos inquiridos, a maioria dos professores portugueses são jovens. Existe duas razões para tal facto:

a) Apenas algumas universidades chinesas cooperam com as instituições de educação portuguesas, e os professores portugueses das respectivas universidades chinesas foram nomeados pelas mesmas instituições portuguesas.

b) Os professores portugueses que solicitaram trabalhar na China são todos jovens. Os professores de meia idade ou com idades avançadas, por razões de trabalho e de família, optaram por não deixar o país.

c. Requisitos linguísticos

Todas as universidades com cursos de língua portuguesa exigem que a primeira língua dos professores portugueses seja o português.

d. Formações

Quadro 2: Formações dos professores portugueses

Formações	Professores portugueses
Mestrado	8
Pós-graduação	1
Licenciatura	1

De entre os 10 professores portugueses, 8 possuem mestrado, 1 pós-graduação e 1 licenciatura. Actualmente, todas as universidades com cursos de língua portuguesa exigem mestrado ou doutoramento para os professores portugueses candidatos. Também existe professores com graus de licenciatura, mas estes possuem longos anos de experiência no ensino de português aos chineses nas respectivas universidades e, no início do ensino da língua portuguesa na China, porque algumas universidades tinham critérios mais baixos de selecção do que actualmente. Consequentemente, alguns professores, desde que a sua primeira língua seja o português, mesmo com licenciaturas especializadas e não-especializadas, também foram admitidos no ensino da língua portuguesa nas universidades chinesas.

e. Cursos

Entre os dez professores portugueses, dois deles são licenciados em português para estrangeiros, e os restantes são licenciados em jornalismo, informática e estudos chineses. No grupo dos dez professores, dois deles tinham experiência no ensino de português antes de irem ensinar para a China: ensinaram português na Alemanha e Espanha, respectivamente. Os restantes não tinham experiências de ensino de português antes de irem para a China.

f. Requisitos no domínio da língua chinesa

De entre os dez professores portugueses, três deles conseguem comunicar em chinês simples. O domínio da língua chinesa não está incluído nos critérios de admissão das universidades para os docentes. O domínio da língua chinesa por parte dos professores portugueses deve-se ao seu interesse pela cultura chinesa ou porque tinham aprendido a língua chinesa “a priori”, resultante de um crescente interesse em ensinar na China. Um professor de nacionalidade portuguesa que fale chinês consegue comunicar com maior facilidade com os estudantes chineses, especialmente no ensino do português básico, sendo o efeito positivo e notável.

5. O papel dos professores portugueses

Segundo os respondentes, parece poder concluir-se que, no ensino universitário da língua portuguesa na China, os professores chineses têm um papel dominante e os professores portugueses têm um papel auxiliar.

a. O ensino do português básico

Os estudantes do 1º e do 2º anos da licenciatura aprendem o português básico. O português ensinado no 1º ano corresponde aos níveis A1 e A2, e no 2º ano corresponde aos níveis A2 e B1, de acordo com o documento Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Segundo os dados, os professores chineses são responsáveis pelo português básico nos 1º e 2º anos da licenciatura, e ensinam o

vocabulário, a gramática, explicação textual e traduções simples, etc.. Os professores portugueses têm um papel auxiliar no ensino do português básico. São responsáveis pelas aulas audiovisuais e pelo português oral. As suas funções principais são:

- a) Cultivar a capacidade simples de comunicação dos estudantes numa perspectiva da aplicação da língua.
- b) Melhorar a capacidade de compreensão oral dos estudantes.
- c) Corrigir a pronúncia dos estudantes e fomentar uma pronúncia correcta .

b. O ensino do português intermédio e superior

Os estudantes do 3º e 4º anos da licenciatura aprendem o português intermédio e superior. O português ensinado no 3º ano corresponde aos níveis B1 e B2, e no 4º ano, corresponde ao nível B2. Segundo os resultados obtidos, no ensino do português intermédio e superior, os professores chineses continuam a ter um papel dominante, porque são responsáveis pelas aulas de gramática e tradução, e os professores portugueses continuam a ter um papel auxiliar. Os professores portugueses são responsáveis pelas aulas de literatura, história, jornalismo e imprensa, áreas onde os professores chineses não possuem competências. As suas funções principais são:

- a) Melhorar ainda mais a capacidade de comunicação e compreensão dos estudantes chineses.
- b) Aprofundar o conhecimento dos estudantes chineses em relação a Portugal, à língua portuguesa e à cultura portuguesa.

Os estudantes do 4º ano são um caso especial. Com efeito, na China, os estudantes do 4º ano da licenciatura já começam a procurar trabalho e, conseqüentemente, o número de aulas é reduzido neste período. Os professores portugueses são responsáveis pelas aulas audiovisuais, e os materiais escolhidos para estas aulas são principalmente os noticiários. Geralmente, os estudantes só conseguem compreender 50% dos conteúdos, e é da competência dos professores portugueses explicarem o restante 50%, o que inclui conhecimentos sociais e culturais, novos

termos, etc.. As suas funções principais são:

- a) Fomentar a capacidade de compreensão textual complexa dos alunos, bem como a capacidade de compreender noticiários complexos.
- b) Ajudar os estudantes a dominar mais vocabulário relacionado com a sociedade, a cultura e os acontecimentos actuais.
- c) Fomentar a capacidade de comunicação intercultural dos estudantes.

6. Materiais de ensino

O uso dos materiais de ensino

Quadro 3 : As Publicações sobre a Língua Portuguesa na China Continental antes de 2000

Título	Autor	Editora	Ano
As 300 Frases Portuguesas	Wang Hongyu, Wang Haixiang	Editora Beijing Da Xue	1997
Gramática Concisa da Língua Portuguesa	Cai Ziyu, Lin Guang	Editora Shang Wu	1998
Gramática da Língua Portuguesa	Wang Suoying, Lu Yanbin	Editora Shanghai Wai Yan She	1999
Dicionário Conciso Chinês-Português	Wang Suoying, Lu Yanbin	Editora Shanghai Wai Yan She	1997
Dicionário Conciso Português-Chinês	Zhou Hanjun, Wang Zengyang, Zhao Hongling, Cui Weixiao	Editora Shang Wu	1994
A Pronúncia da Língua Portuguesa	Xu Yixing	Editora Shanghai Wai Yan She	1985

**Quadro 4: As Publicações sobre Língua Portuguesa na China Continental
depois de 2000**

Título	Autor	Editora	Ano
Diocionário Português-Chinês	Li Junbao	Editora Shang Wu	2001
Glossário Chinês-Português de Termos Usuais	Li Junbao, Huang Huixian, Zhou Yaming	Editora Wai Wen	2002
Português Turístico	Wang Hongyu	Editora Beijing Da Xue	2003
Português Turístico	Wang Hongyu	Editora Beijing Da Xue	2003
Português num Instante	Ye Zhiliang, Zhao Hongling	Editora Wai Yan She	2007
Dicionário Universitário com Sinónimos	Liu Yi	Editora Shandong Ke Xue Ji Shu	2007
Temas Económico-Comerciais em Português	Ye Zhiliang	Editora Wai Yan She	2008
Dicionário Temático Português-Chinês-Inglês	Liu Yi	Editora Beijing Yu Yan Da Xue	2008
Manual Prático de Morfologia da Língua Portuguesa	Yu Xiang	Editora Wai Yan She	2009
Português para o Ensino Universitário	Ye Zhiliang	Editora Wai Yan She	2009

Segundo os inquiridos, a taxa de adaptação dos materiais de ensino designados no 1º ano da licenciatura é a mais alta. Em quase todas as universidades, no 1º ano da

licenciatura, são usados materiais elaborados por professores chineses. Mas nas aulas de expressão oral, compreensão oral e audiovisuais, os materiais de ensino são quase não existentes, cabendo aos professores procurarem e elaborarem a maioria destes materiais.

Nos anos mais avançados da licenciatura, a taxa de adaptação dos materiais designados é extremamente baixa, e as razões para este fenómeno são: a) a quase inexistência dos materiais de ensino produzidos na China nesta fase de ensino. b) os materiais de ensino estrangeiros já foram na sua maioria utilizados no ensino básico de português. Isso também revela o problema de que Portugal carece de materiais de ensino de português para estrangeiros para os anos avançados da licenciatura. Por outro lado, os estudantes dos anos avançados da licenciatura possuem níveis diferentes de português, o que causa dificuldades para os professores escolherem materiais de ensino adequados a todos os estudantes.

De seguida, iremos analisar em concreto os problemas dos materiais de ensino:

a) Primeiro ano da licenciatura

No ensino de português básico, usa-se o material produzido na China (Português para Ensino Universitário). Para as aulas audiovisuais e de expressão oral, não existem materiais designados. Os professores portugueses podem escolher livremente os materiais a usar. No 1º semestre do 1º ano da licenciatura, os estudantes aprendem principalmente a fonética e frases simples: os professores podem escolher os materiais de ensino e o conteúdo a ensinar. No 2º semestre, os professores podem escolher materiais de ensino produzidos em Portugal (nível A1 ou A2) com gravações.

b) Segundo ano da licenciatura

Os professores chineses utilizam frequentemente materiais de ensino publicados em Portugal, como por exemplo, Português XXI, Aprender português (B1), Português sem fronteiras, etc.. Os professores portugueses normalmente

responsabilizam-se pelas aulas audiovisuais e de expressão oral, os materiais de ensino utilizados são geralmente do nível A2, publicados em Portugal e com gravações. Por exemplo, as 10 primeiras lições do “Olá! Como estás!” podem ser utilizadas como o material de ensino para as aulas audiovisuais e de expressão oral do 2º ano da licenciatura.

c) Terceiro ano da licenciatura

Não existe materiais designados para os professores portugueses no 3º ano da licenciatura (as aulas do 3º ano geralmente englobam áreas como a economia, literatura, história, cultura, jornalismo e imprensa). Os materiais utilizados pelos professores portugueses nesta fase provêm, na sua maioria, da internet, bem como do domínio de cada professor na área de literatura, história e economia, etc.. Por estas razões, nesta fase da licenciatura, um professor nativo/português exerce ao máximo a sua iniciativa, escolhendo os materiais de ensino baseando-se no seu domínio dos conhecimentos, nas características próprias e no seu gosto.

d) Quarto ano da licenciatura

No quarto ano da licenciatura, as aulas normalmente são divididas em duas partes: 1) tradução e 2) audiovisual e expressão oral. Os professores chineses são responsáveis pelas aulas de tradução, e os professores portugueses são geralmente responsáveis pelas aulas audiovisuais e de expressão oral. As principais fontes para os materiais de ensino nas aulas audiovisuais são as notícias e gravações áudio, que também são provenientes da internet ou gravações da televisão via satélite. Os professores escolhem os conteúdos das notícias segundo o domínio de português e o interesse dos estudantes chineses.

Quadro 5: Os livros recomendados aos professores portugueses

Título	Autor	Editora	Ano
--------	-------	---------	-----

Português sem fronteiras	Isabel Coimbra Leite; Olga Mata Coimbra	Portugal	1989
Comunicar em Português	Helena Lemos	Portugal	2000
Português XXI	Ana Tavares	Portugal	2003
Olá! Como Está?	Leonete Carmo	Portugal	2004
Aprender português	Olivieira, C., Ballman, M.J. & Coelho	Portugal	2006

7. A cultura

No ensino de línguas estrangeiras na China, é necessário balançar os três tipos de ambientes: 1) o ambiente do ensino de línguas na sala de aula, 2) o ambiente da segunda cultura e, 3) o ambiente da comunicação intercultural. No exercício das suas funções, os professores portugueses não se podem limitar aos materiais de ensino no ambiente das salas de aula, nem podem limitar a segunda cultura ao conhecimento superficial dos “backgrounds” culturais e sociais dos países de língua portuguesa. Pelo contrário, os professores portugueses necessitam de ajudar os estudantes a aprofundar o conhecimento da cultura linguística e social desses países, e através da comunicação com os estudantes chineses, gradualmente sintetizar as características culturais exibidas pelos mesmos estudantes e, conseqüentemente, fomentar a

comunicação com os estudantes baseando-se nas suas características culturais, quer dentro, quer fora das salas de aula.

a) Diferenças culturais

Como existe diferenças em demais áreas entre a China e o Ocidente (áreas como a história, sistema social, crenças, ética, características psicológicas, costumes, valores, mentalidades, modos de vida, etc.) é natural que haja diferenças culturais entre as duas partes. Os professores nativos/portugueses devem explorar todos os meios possíveis para melhor conhecer as diferentes culturas e costumes sociais existentes na China e no Ocidente, ajudando desta forma os estudantes chineses a aprofundarem a aprendizagem da língua portuguesa.

b) Dificuldades de comunicação resultantes das diferenças culturais

As diferenças culturais entre a China e o Ocidente levaram às diferentes formas de expressão. Por exemplo: no Ocidente, quando uma pessoa elogia outra pessoa, bastava a parte elogiada mostrar gratidão. O elogio e o encorajamento são as principais práticas no ensino ocidental. No entanto, para os chineses, a modéstia é uma virtude e demonstra o auto-control, mas para os ocidentais, a modéstia é uma forma de falta de auto-confiança. Por isso, entender as práticas verbais dos chineses permite aos professores portugueses compreender melhor os estudantes chineses e reduzir os obstáculos no ensino-aprendizagem.

a) Os hábitos de estudo dos estudantes chineses e os métodos de ensino

Durante muito tempo, na China ainda se pratica o método tradicional no ensino, ou seja, o método do “giz e lição”, onde os estudantes se limitam a escutar e a imitar o que os professores ensinam, o que causou uma carência de capacidade prática. Por seu lado, os professores portugueses dão mais importância à capacidade de aplicação dos estudantes. Os professores portugueses adoptam vários meios de ensino, como por exemplo, a utilização de imagens e equipamentos modernos para explicar os problemas durante as aulas; dividir os estudantes em grupos para a prática livre de português, etc.. Estas práticas tiveram como o resultado o aprofundamento na

compreensão e no conhecimento da língua portuguesa por parte dos estudantes.

8. A avaliação dos alunos

A avaliação dos estudantes divide-se em duas partes: a parte escrita e a parte oral. A parte escrita é classificada em percentagens, o mais alto é o 100, abaixo dos 60 é considerado como insuficiente, entre os 60 e 80 é o “bom”, entre os 90 e 100 é o “muito bom”. 60% das perguntas da avaliação escrita tem o nível de dificuldade fácil, 30% das perguntas tem o nível de dificuldade normal, e 10% das perguntas tem o nível de dificuldade difícil. A avaliação oral tem os mesmos critérios que a avaliação escrita. A avaliação reflecte o domínio de português e a capacidade de aprendizagem dos estudantes, e permite aos professores portugueses estabelecer os planos de ensino mais adequados. Os problemas que os estudantes chineses enfrentam durante a aprendizagem de línguas estrangeiras são os seguintes:

Problema 1: Encarar o estudo da gramática e a memorização do vocabulário como a única forma de aprendizagem. Os estudantes com esta atitude são péssimos em transmitir e receber informações, e têm uma capacidade de comunicação integrada baixa.

Problema 2: Métodos de aprendizagem desactualizados. Sob a influência da aprendizagem tradicional da língua chinesa, os estudantes chineses dão mais importância à memorização e aos exercícios; focam-se mais na compreensão das palavras e frases e menos nos textos; focam-se na recepção da informação e não na emissão.

Problema 3: Os estudantes chineses são fortes em competências linguísticas, mas fracos na capacidade de compreensão intercultural, e carecem de capacidades de socialização. Com o aprofundamento no domínio da língua, as diferenças culturais tornam-se mais notórias. Os erros verbais são perdoáveis, mas os erros na aplicação linguística e mal-entendidos culturais levam a fricções e a falhas na comunicação.

9. A utilização de livros didáticos nas aulas

De acordo com os dados recebidos pelos respondentes ao questionário, a maior parte dos professores portugueses não usam ou usam pouco livros didáticos nas aulas. De acordo com o construtivismo, na prática do ensino o professor não transmite directamente o conhecimento aos alunos. O que ele faz é dirigir os alunos nas actividades. Acreditamos na capacidade de «descoberta» dos alunos porque, na nossa opinião, todas as informações exigidas no livro já existem na mente deles, quer em chinês quer em inglês. O trabalho do professor visa ajudá-los a ligar essas informações com o conhecimento já existente. Especialmente para os professores nativos/portugueses, o manual pode-se usar apenas no final da aula quando a aprendizagem acaba e o estudo do livro só leva uns 10 minutos. Uma razão para este fenómeno é que no manual se revela directamente o conhecimento e isso vai impedir os alunos de pensar independentemente. A outra é que o conteúdo no manual não é tão directo como um vídeo ou uma imagem.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, apresenta-se uma visão geral sobre o ensino da Língua Portuguesa na China, incluindo reflexões sobre o construtivismo, o português como língua estrangeira na China, a interculturalidade no ensino/aprendizagem do português e a comunicação intercultural: o português e o mandarim. Também se apresenta uma proposta para o professor de nacionalidade portuguesa.

A primeira parte é sobre a teoria do construtivismo. O construtivismo torna-se popular no Ocidente a partir do século XIX. Como uma das mais novas teorias de aprendizagem, o construtivismo é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como se desenvolve a inteligência humana, partindo do princípio que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas acções mútuas entre o indivíduo e o meio. Esta concepção do conhecimento e da aprendizagem que derivam, principalmente, das teorias da epistemologia genética de Jean Piaget e da pesquisa sócio-histórica de Lev Vygotsky, parte da ideia que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo perante a influência do meio, isto é, ele responde activamente aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

Além do surgimento do construtivismo nas teorias da aprendizagem, a acelerada evolução tecnológica traz também novos desafios e auxílios para o sector educacional. Com a incorporação das novas tecnologias nas salas de aula, os recursos tradicionais, quadro negro e giz, ficam para a história, e começa a era das informações. Os aparelhos avançados, tais como quadro electrónico, computador e videoprojector estão a penetrar na vida escolar, facilitando tanto o ensino como a aprendizagem.

Claro que essa mudança traz uma alteração ainda maior e qualitativa para a forma como pode ocorrer a aprendizagem. A educação é jamais unidireccional, a informação circula agora de forma bidireccional, colaborativa e interdisciplinar e as novas técnicas quebram barreiras, individualizam a instrução e tornam-na mais

económica. O uso efectivo das modernas tecnologias da informação e comunicação requerem um ambiente que suporte a forma construtivista de trabalhar com o aluno e a aprendizagem colaborativa. Nesta perspectiva, alguns pedagogos admitem que o uso das tecnologias da informação e comunicação, que contam com recursos como multimédia, hipertexto, hipermédia, realidade virtual e telemática, podem oferecer flexibilidade, personalização, interactividade e qualidade no ensino e reflexão sobre os modelos tradicionais de ensino.

Com essas mudanças, os pedagogos formularam alguns modelos de aprendizagem com base na doutrina construtivista. O meio educacional do construtivismo dá ênfase à função da situação real que nos modelos antigos é frequentemente ignorada, devido à dificuldade do fornecimento e organização dessa situação. Felizmente, as tecnologias informáticas ajudam neste aspecto e criam uma condição para a aplicação do construtivismo na instrução.

Hoje em dia as universidades devem ser responsáveis por formar talentos inovadores exigidos pela sociedade. Em comparação com as doutrinas anteriores, o construtivismo cultiva mais a iniciativa dos alunos, por isso, a introdução do construtivismo na instrução é necessária.

Na China a instrução de português também enfrenta essa mudança da teoria de aprendizagem predominante e a exigência social. Os modelos educacionais vigentes nas aulas de português elementar são elaborados principalmente conforme o behaviorismo e as teorias cognitivas. Estes modelos rendiam bons resultados no ensino de português. Mas também existiam algumas deficiências. O construtivismo, que criticou, herdou e desenvolveu o behaviorismo e as teorias cognitivas, presta-nos novos modelos educacionais. A utilização destes modelos não significa abandonar os modelos existentes, mas constitui um suplemento e um enriquecimento.

Além de ser aplicado nas aulas, o construtivismo também pode contribuir para a elaboração dum material didáctico. Em comparação com os materiais existentes, um material baseado no construtivismo focaliza-se mais na aprendizagem própria do aluno. Os conhecimentos não são transmitidos directamente ao aluno,

mas são descobertos e concluídos pelo próprio. Por isso, é importante utilizar os artigos com temas atraentes para captar a atenção do aluno, que não só aprende as noções gramaticais mas também informações culturais durante a sua aprendizagem.

O segundo parte, a mais importante em que se analisa os cursos de licenciatura em Língua Portuguesa em funcionamento na China, analisa-se, também, o papel dos professores portugueses, os materiais de ensino, a cultura, a avaliação dos alunos e a utilização de livros didáticos nas aulas.

Nesse processo de análise, tivemos a oportunidade de dar algumas sugestões para os professores de nacionalidade portuguesa. De acordo com os resultados do inquérito, os professores portugueses têm de ter mestrado e todas as universidades com cursos de língua portuguesa exigem que a primeira língua dos professores portugueses seja o português. Contudo, consideramos relevante que os professores portugueses consigam comunicar em chinês simples.

No ensino universitário da língua portuguesa na China, os professores chineses têm um papel dominante, e os professores portugueses têm um papel auxiliar. As funções principais dos professores portugueses são: Cultivar a capacidade simples de comunicação dos estudantes numa perspectiva da aplicação da língua, melhorar a capacidade de compreensão oral dos estudantes, corrigir a pronúncia dos estudantes e fomentar uma pronúncia correcta, ensinar o conhecimento dos estudantes chineses em relação a Portugal, à língua portuguesa e à cultura portuguesa, fomentar a capacidade de compreensão textual complexa dos alunos, bem como a capacidade de compreender noticiários complexos, ajudar os estudantes a dominar mais vocabulário relacionado com a sociedade, cultura e os acontecimentos actuais e fomentar a capacidade de comunicação intercultural dos estudantes. Aprender a Língua Portuguesa não é só aprender um língua, mas também aprender uma cultura. Quando os chineses falam português, reflectem-se as diferenças entre as duas culturas. O trabalho dos professores não se esgota ao nível do ensino da Língua Portuguesa, também é um trabalho intercultural.

No final, na prática, o professor não transmite directamente o conhecimento aos alunos. O que ele faz é dirigir os alunos nas actividades. Acreditamos na capacidade de descoberta dos alunos porque, na nossa opinião, todas as informações exigidas no livro já existem na mente deles, quer em chinês quer em inglês. O trabalho do professor visa ajudá-los a ligar essas informações com o conhecimento já existente.

Durante muito tempo, os professores acreditaram que o ensino da Língua Portuguesa como língua segunda e estrangeira deveria ser pautado no trabalho com a gramática, considerando como válida somente a variedade padrão. No entanto, o método tradicional (o método do ensino para os alunos ocidentais) parece não ter sido eficaz para os chineses. O professor de nacionalidade portuguesa tem de usar um método mais recente, como o contrutivismo ou a abordagem de comunicação intercultural. Caso não tenha nenhum conhecimento sobre a cultura chinesa ou os chineses, os professores portugueses vão ter cada vez mais dificuldades para comunicar com os alunos chineses, e o ensino vai ser cada vez menos eficaz. Por causa da grande diferença que existe entre a língua chinesa e a portuguesa, os alunos chineses são um grupo especial, pelo que os professores portugueses estão ainda em busca de uma maneira para melhorar a qualidade de comunicação com este grupo de alunos que são de um país de diferentes contextos linguísticos e culturais. Isso não é um trabalho fácil, precisa, sobretudo, de mais compreensão mútua.

BIBLIOGRAFIA

- Ainscow, M. (1995). Educação para todos: torná-la uma realidade – Comunicação apresentada no *Congresso Internacional de Educação Especial*. Birmingham.
- Ançã, M. H. (2008). Apropriação da língua portuguesa: o exemplo de um público ucraniano adulto e jovem adulto. In *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira – Da(s) teoria(s) à prática(s)*, Lisboa: Lidel.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Portugal: Mc Graw- Hill.
- Asher, J. (1996). The learning strategy of the total physical response: a review. *Modern Language Journal*.
- Abdallah-Pretceille, Martine. (1996). *Vers une Pédagogie Interculturelle*. Paris, Anthropos.
- Dulay, H. & Burt, M.. (1974^a). Natural sequence in child second language acquisition. *Language learning*.
- Delors, J. (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. Portugal.
- Ellis, R (1992). *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Krashen, S. D. (1985). *The input hypothesis: Issues and implications*. London : Longman, 1985.
- _____ (1982). *Principles and practices in second language acquisition*. New York: Pergamon Press.
- Oller, J. (1976). A program for language testing research. *Language Learning*, Special Issue.
- Richards, J. (1971). Error analysis and second language strategies. *English Language Teaching*.

- Terrell, T. (1977). *A natural approach to the acquisition and learning of a language*.
- Gropper, G. L. (1987). A lesson based on a behavioral approach to instructional design. In C. M. Reigeluth (Ed.), *Instructional theories in action*. Hillsdale.
- Leite, C. (1997). *As palavras mais do que os actos? O Multiculturalismo no Sistema Educativo Português*. Porto, FPCE.
- Leite, C. (2000). A Flexibilização Curricular na Construção de uma Escola mais Democrática e mais Inclusiva. In *Território Educativo*, n.º 7, Porto, Revista da Direcção Regional de Educação do Norte.
- Leite, C. (2002). *Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo Português*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leite, C. (2004). Planificação. In F. Braga *et al.*,. *Novos papéis, novos modelos. Dos projectos de planificação à planificação em projecto*. Porto: Edições ASA, pp. 3-4.
- Leite, E.; Malpique, M., & Santos, M. R., (1992). *Trabalho de projecto 2-Leituras Comentadas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Stepich, D. A. & Newby, T. J. (1999). *Analogical instruction within the information processing paradigm: effective means to facilitate learning*. Instructional Science, 17, 1988.
- Grangeat, M. *A metacognição, um apoio ao trabalho dos alunos*. Porto.
- Kamii, C. & Ewing, J. K. (1996). *Basing teaching on Piaget's constructivism*. Childhood Education.
- Watson, J. B. (1930). *Behaviorism* (revised edition). University of Chicago Press.
- Wenger, E. *Communities of Practice. Learning as a social system, Systems Thinker*, <http://www.co-i-l.com/coil/knowledge-garden/cop/lss.shtml>.
- Walberg H.J. & Haertel, G. D. (1992). Educational psychology's first century. *Journal of Educational Psychology*.

Nunan, D. (1999). *Second Language Learning and Teaching*. Boston: Heinle & Heinle.

Slavin, R. E. (1994). *Educational Psychology: Theory and Practice*. (4th), Allyn and Bacon.

Jonassen, D. H.. (1991). *Evaluating constructivistic learning*. Educational Technology.

Palincsar, A.; Brown, A. & Campione, J. (1993). First-Grade Dialogues for Knowledge Acquisition and Use. In A. F. Ellice, N. Minick & C. A. Stone (Ed.), *Contexts for Learning*. New York: Oxford University Press, (pp. 43-57).

Bransford, J. D.; Brown, A. L., & Cocking, R. R. (2002). *How People Learn* (edição traduzida) 上海: 华东师范大学出版社.

Piaget, J. (1981). *Intelligence and Affectivity*. Basic Books, New York.

Snelbecker, G. E. (1983). *Learning theory, instructional theory, and psychoeducational design*. New York: Mc Graw-Hill.

Weinert, F. E. (1987). Metacognition and motivation as determinants of effective learning and understanding. In F. E. Weinert & R. Kluwe (Orgs.), *Metacognition, motivation, and understanding*. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, (pp. 1-16).

Vygotsky L. S. (1978). *Mind in Society – the development of higher psychological processes*. Cambridge MA: Harvard University Press.

Roldão, M. C. O. (1994). *Pensamento Concreto da Criança: Uma Perspectiva a Questionar no Currículo*. Lisboa. IIE.

ANEXO A: QUESTIONÁRIO

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira
Dissertação de Mestrado

Nome: _____

Idade: _____

Experiência Profissional: _____

Lugar de nascimento: _____

Língua materna: _____

1. Responda às seguintes perguntas sobre a sua formação:

a) Há quantos anos trabalha como professor(a) de português?

b) Que disciplinas/aulas ensina em geral?

c) Considera que o seu nível era/foi adequado para as instâncias nas que já leccionou PLE?

d) Faça uma breve descrição do seu percurso académico e profissional, se faz favor.

2. Responda às seguintes perguntas sobre ensino de PLE:

a) Como são dadas as aulas na China?

b) Como são os métodos de trabalho na Universidade?

c) Que diferenças sentiu a nível do seu trabalho?

d) Como ensinam os professores portugueses?

e) Qual é o papel dos professores?

f) Como ensina a língua portuguesa?

g) Quais as suas dificuldades nas aulas?

3. Responda às seguintes perguntas sobre as diferenças culturais:

a) Como aprendem os alunos chineses?

b) Qual é a atitude dos alunos nas aulas?

c) Que elementos considera fundamentais sobre estes alunos?

d) Outros elementos – Quer acrescentar mais alguma coisa?

e) Que tipo de dificuldades tem encontrado durante o período de ensino de PLE na China?

f) Em sua opinião, as diferenças culturais influenciam o ensino / aprendizagem do português? Como? Dê exemplos.

Há mais alguma informação que considere importante acrescentar relacionada com o tema do estudo?
